



DIVERSIDADE AQUÁTICA NO MÉDIO RIO DOCE (MG): LEVANTAMENTO DA COMUNIDADE ICTIOFAUNÍSTICA

MOTA, T.G.; CAMPOS, M.O.; MIRANDA, F.; PINTO-COELHO, R.M.

O presente estudo pretende organizar os dados existentes sobre as comunidades de peixes no estado de Minas Gerais, em um banco de dados de uso múltiplo, acessado via Internet. A bacia do médio rio Doce, situada na região do estado, denominada Vale do Aço, foi escolhida como ponto de partida do projeto. O vale do médio Rio Doce (MG) abriga mais de 60% da biodiversidade da Mata Atlântica, incluindo uma percentagem ainda maior das espécies endêmicas a esse bioma. A Mata Atlântica do vale do Rio Doce alberga um sistema lacustre com cerca de 130 lagos nos mais variados estágios de evolução. Através do levantamento de trabalhos já realizados e de coletas de material biológico, agrupamos o maior número de dados possíveis, para expressar quais são as espécies de peixes que formam a ictiofauna local. As coletas foram feitas em março e abril de 2005 (período chuvoso), nas lagoas Jacaré, Palmeirinha, Águas Claras, Carioca, Malba, Amarela, Gambazinho e Dom Helvécio. Foram usadas redes de emalhar com 10 metros de comprimento e 1,5 metro de altura, com malhas variando de 3 a 12 cm entre nós opostos. As redes foram armadas as 18:00 horas de cada dia e retiradas as 8:00 horas do dia seguinte, ficando expostas por 14 horas. A ictiofauna da bacia do rio Doce, é composta por 76 espécies, possuindo endemismo de algumas espécies como Oligosarcus solitarius (lambari-cachorro). A lagoa Malba, que não possui espécies exóticas, apresentou a maior riqueza com 9 espécies. A lagoa Jacaré, que está em processo de eutrofização natural e contém espécies exóticas, apresentou a menor riqueza com apenas 3 espécies, sendo que 2 destas são introduzidas. A espécie que registrou maior abundância foi a exótica Pygocentrus nattereri (piranha). Observou-se que, em lagoas com a presença de Cichla monoculus (tucunaré) e Pygocentrus nattereri (piranha), não foi registrada a presença de Oligosarcus solitarius (lambari-cachorro), um piscívoro de pequeno porte. Algumas destas espécies foram introduzidas de outras bacias brasileiras como Cichla monoculus (tucunaré), Pygocentrus nattereri (piranha) e Astronotus ocellatus (cará-do-amazonas), provenientes do Amazonas e bacias internacionais como Oreochromis niloticus (tilápia) do Nilo. A partir de relatos de moradores da região, constatamos que as introduções de espécies exóticas começaram na década de 70, ocorrendo em vários pontos e de várias formas diferentes ao longo da bacia. Essas introduções vêm causando diminuição da diversidade ictiofaunística na bacia do rio Doce, através de processos como predação e competição. Segundo alguns autores, a introdução de peixes exóticos é a segunda causa mais importante de extinções de espécies nativas, perdendo apenas para a destruição do habitat. Prevê-se que o quadro de erosão da diversidade de peixes continue, uma vez que os ambientes aquáticos que formam a bacia do rio Doce, durante o período chuvoso, se comunicam através de canais, possibilitando a chegada das espécies exóticas a ambientes onde estas ainda não estão presentes e que novas espécies de peixes exóticos, como o Hoplosternum littorale (tamboatá) e o surubim, conhecido como ponto-e-vírgula, vêm sendo coletados.

Agradecimentos: a pesquisa foi realizada através do convênio, FAPEMIG/FUNDEP 5734. Agradecemos à Companhia Agrícola Florestal (CAF - Grupo Arcelor), em nome de Roosevelt de Paula Amado pelo apoio à pesquisa.